

SIMÕES DE ASSIS

SIMÕES DE ASSIS

Elizabeth Jobim

ENTRE TEMPOS

BETWEEN TIMES

até 12 de junho 2021

until june 12 2021

A galeria de Curitiba está aberta ao público com hora marcada. Agende sua visita pelo site ou telefone.

The Curitiba gallery is open to the public by appointment. Schedule your visit by website or phone.

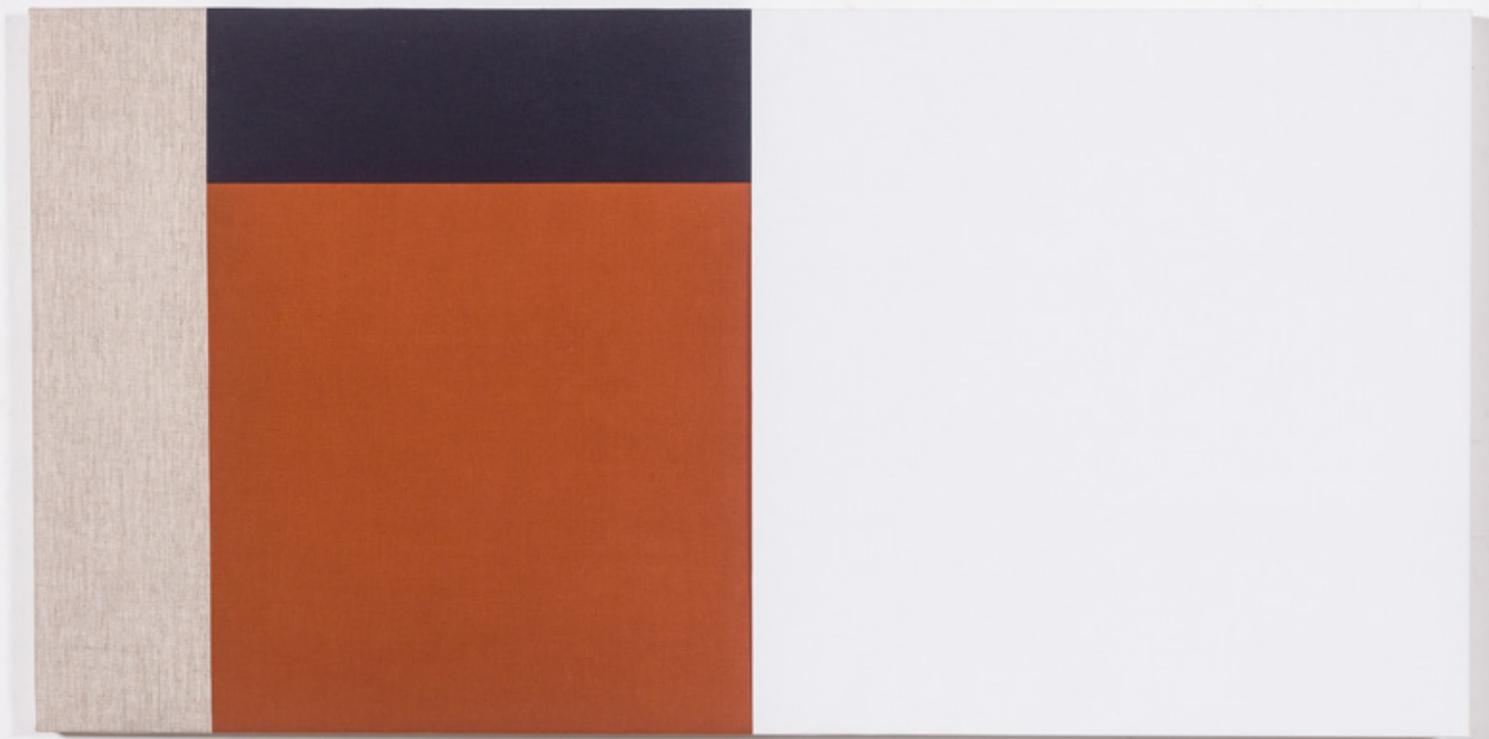
curitiba

al. carlos de carvalho 2173 A
80730-200 pr brasil

info@simoesdeassis.com

+55 41 3232-2315





Sem Título, da série Enlace, 2021
linho sobre linho costurado
80 x 160 x 4 cm
linen on sewn linen
31 ½ x 63 x 2 in

Sem Título, da série Enlace, 2021
linho sobre linho costurado
160 x 80 x 5 cm
linen on sewn linen
63 x 31 ½ x 2 in





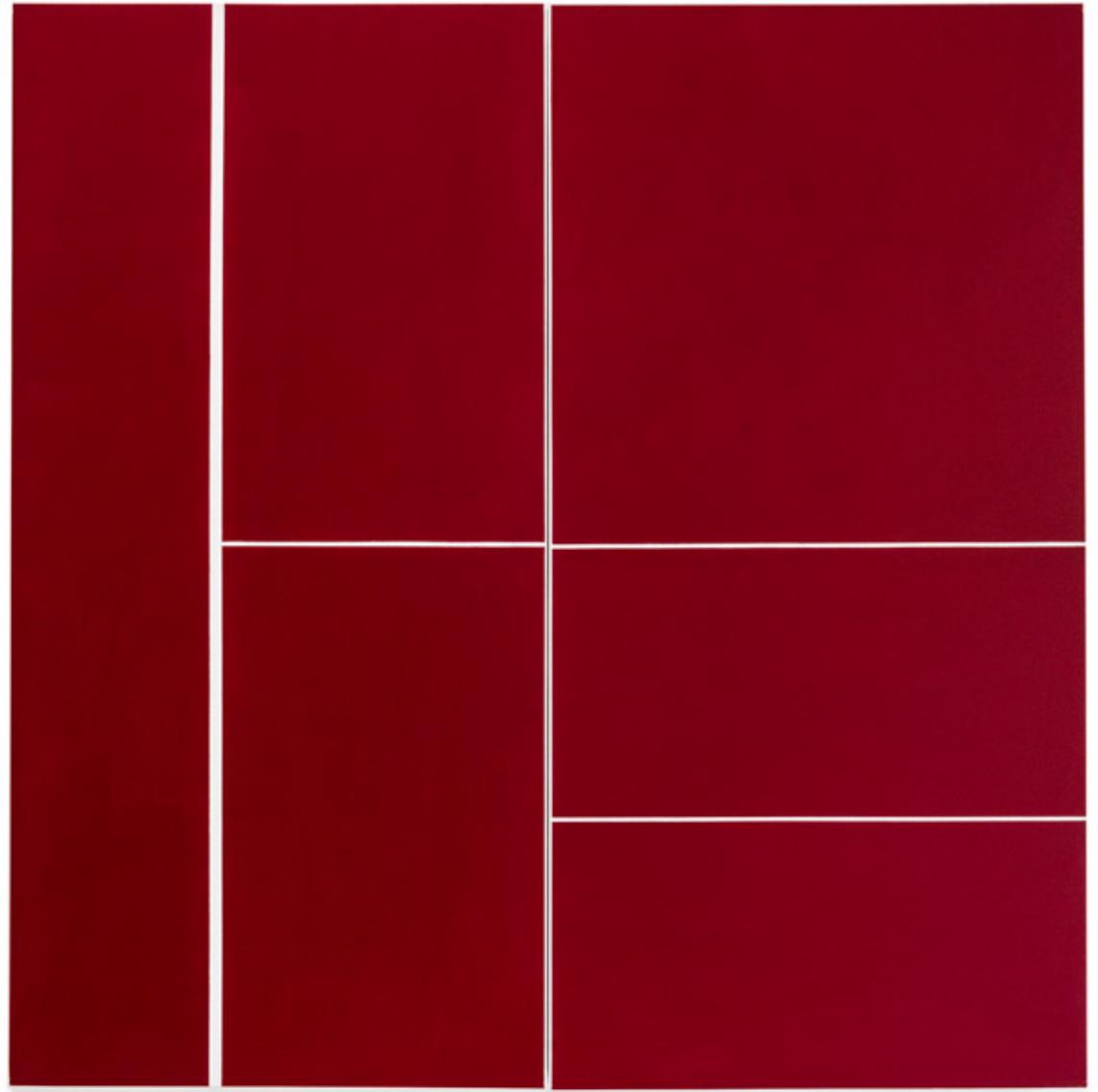
Sem Título, da série Enlace, 2021
linho sobre linho costurado
80 x 160 x 4 cm
linen on sewn linen
31 ½ x 63 x 2 in





Sem Título, da série Enlace, 2021
linho sobre linho costurado
147 x 200 x 5 cm
linen on sewn linen
57 ⁷/₈ x 78 ³/₄ x 2 in





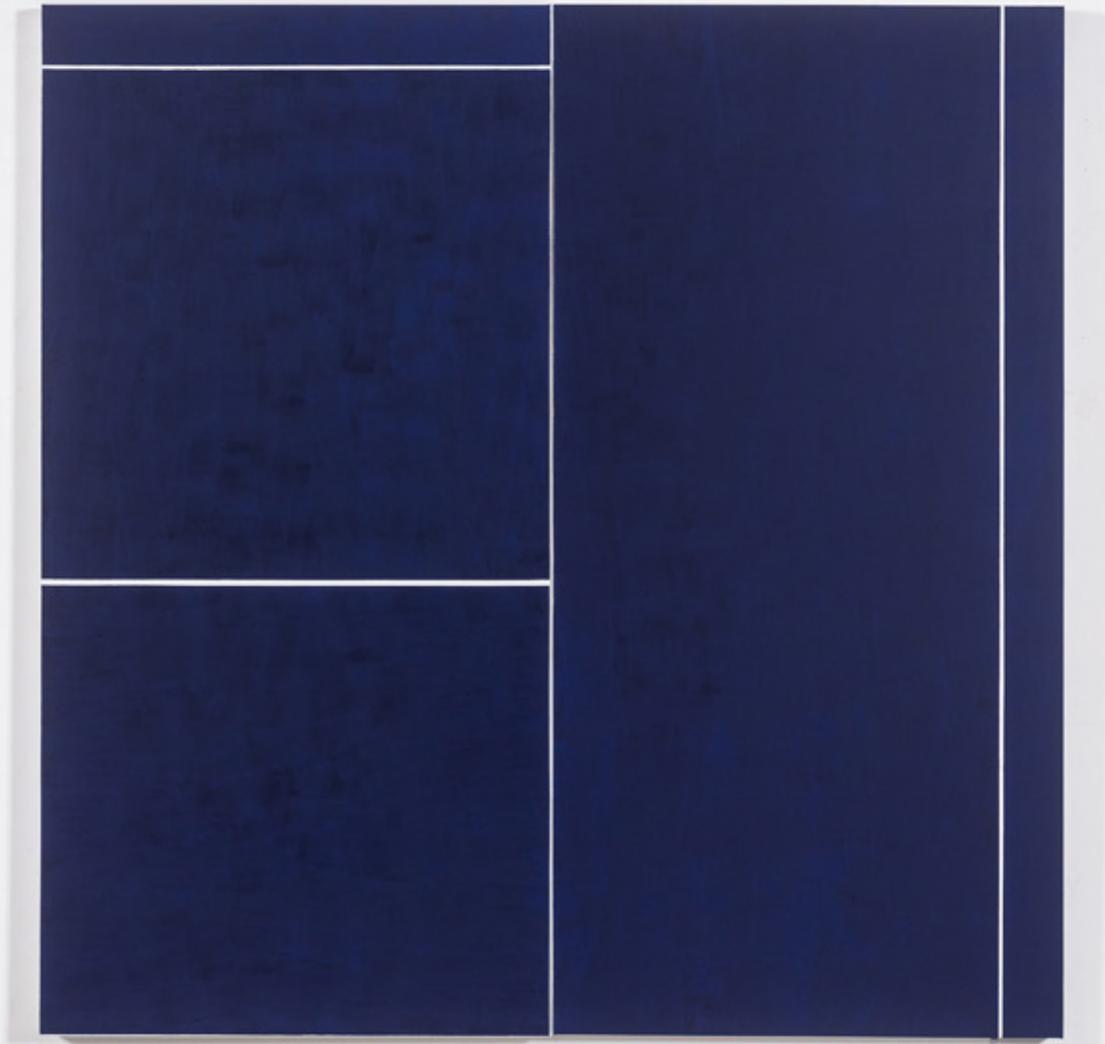
Sem Título, 2021
óleo sobre tela
160 x 160 x 10 cm
oil on canvas
63 x 63 x 4 in



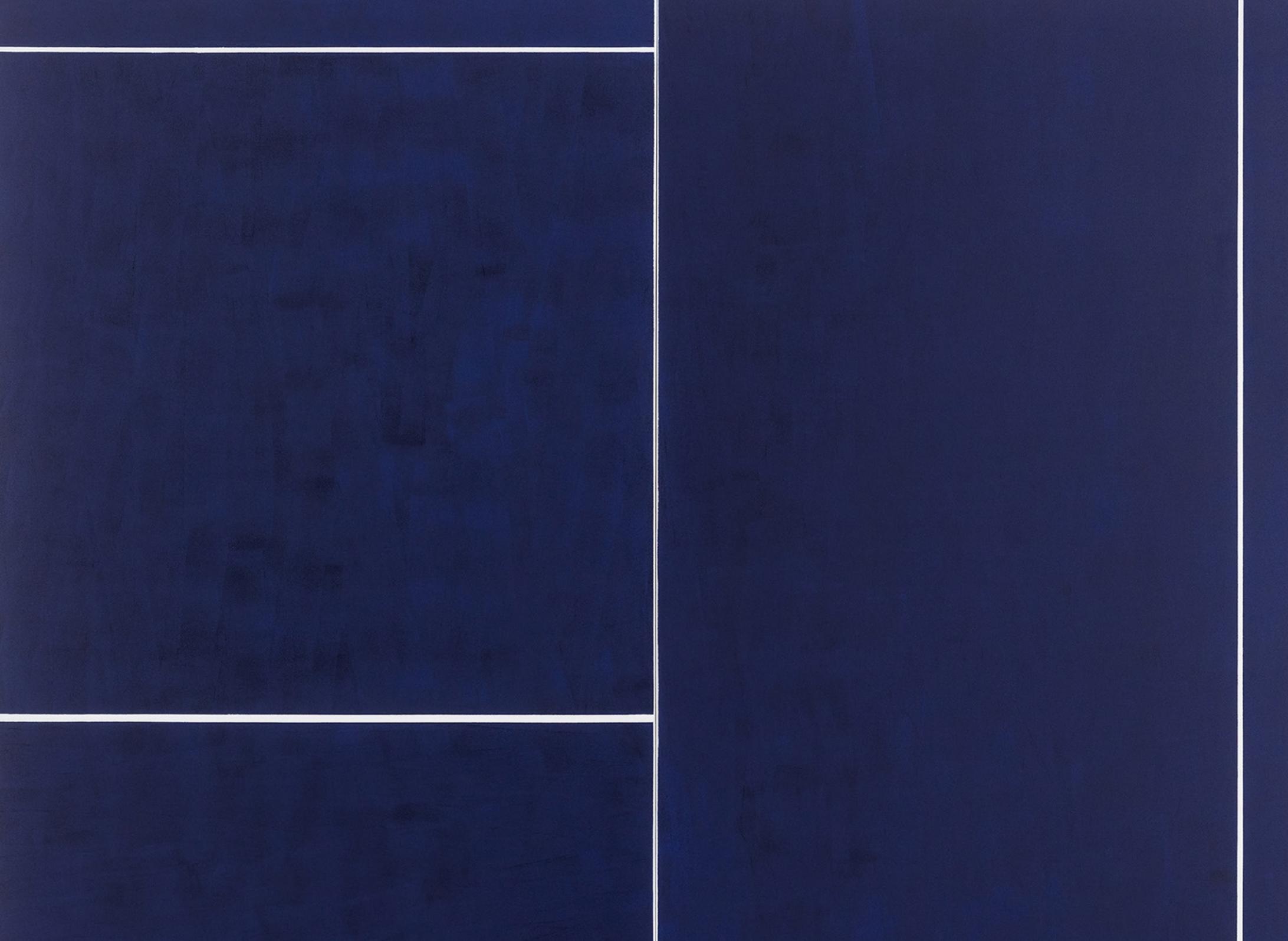
SIMÕES ASSIS

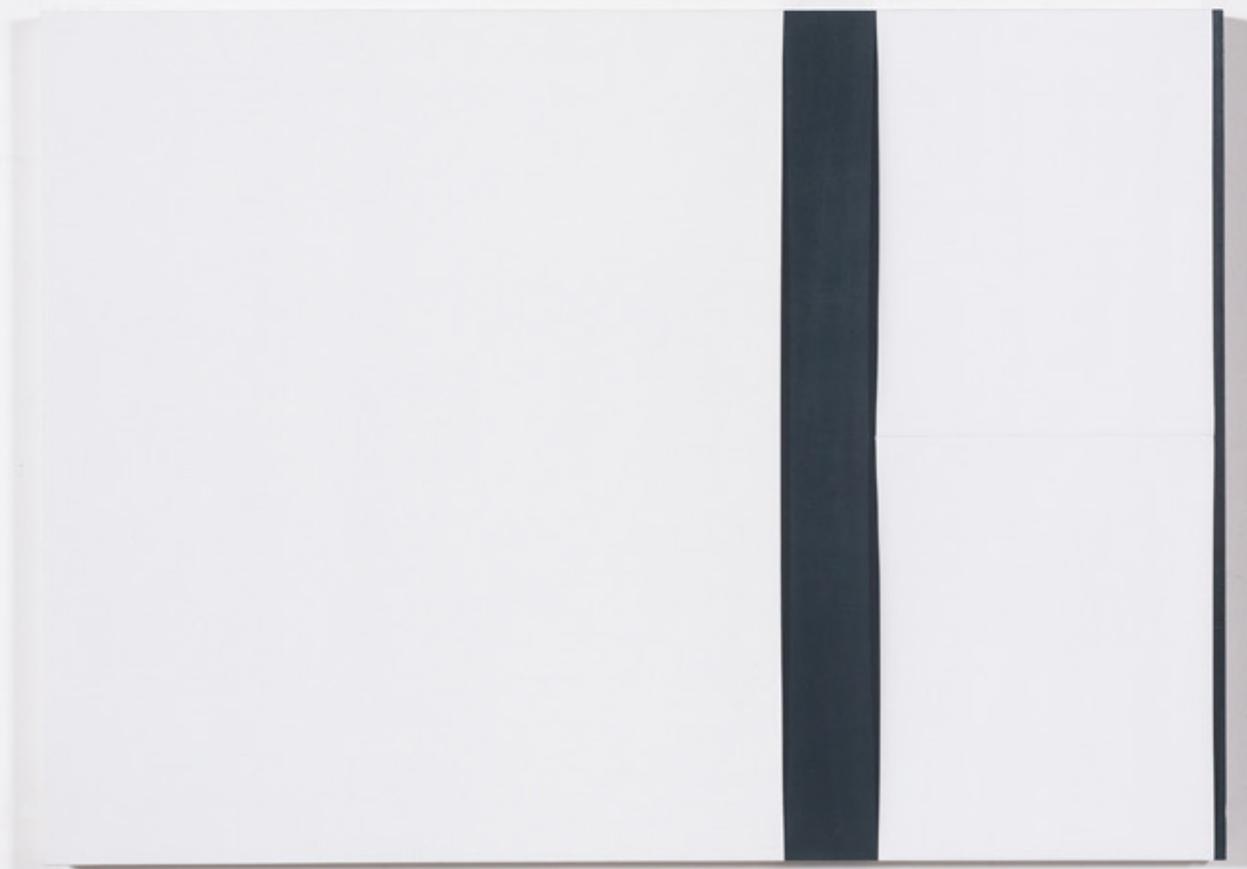
2173A





Sem Título, 2021
óleo sobre tela
160 x 160 x 4 cm
oil on canvas
63 x 63 x 2 in





Sem Título, da série Frestas, 2019
linho costurado sobre óleo
100 x 140 x 5 cm
sewn linen on oil
39 ³/₈ x 55 ¹/₈ x 2 in



Sem Título, 2020
óleo sobre linho costurado
140 x 70 x 3 cm
oil on sewn linen
55 1/8 x 27 5/8 x 2 in

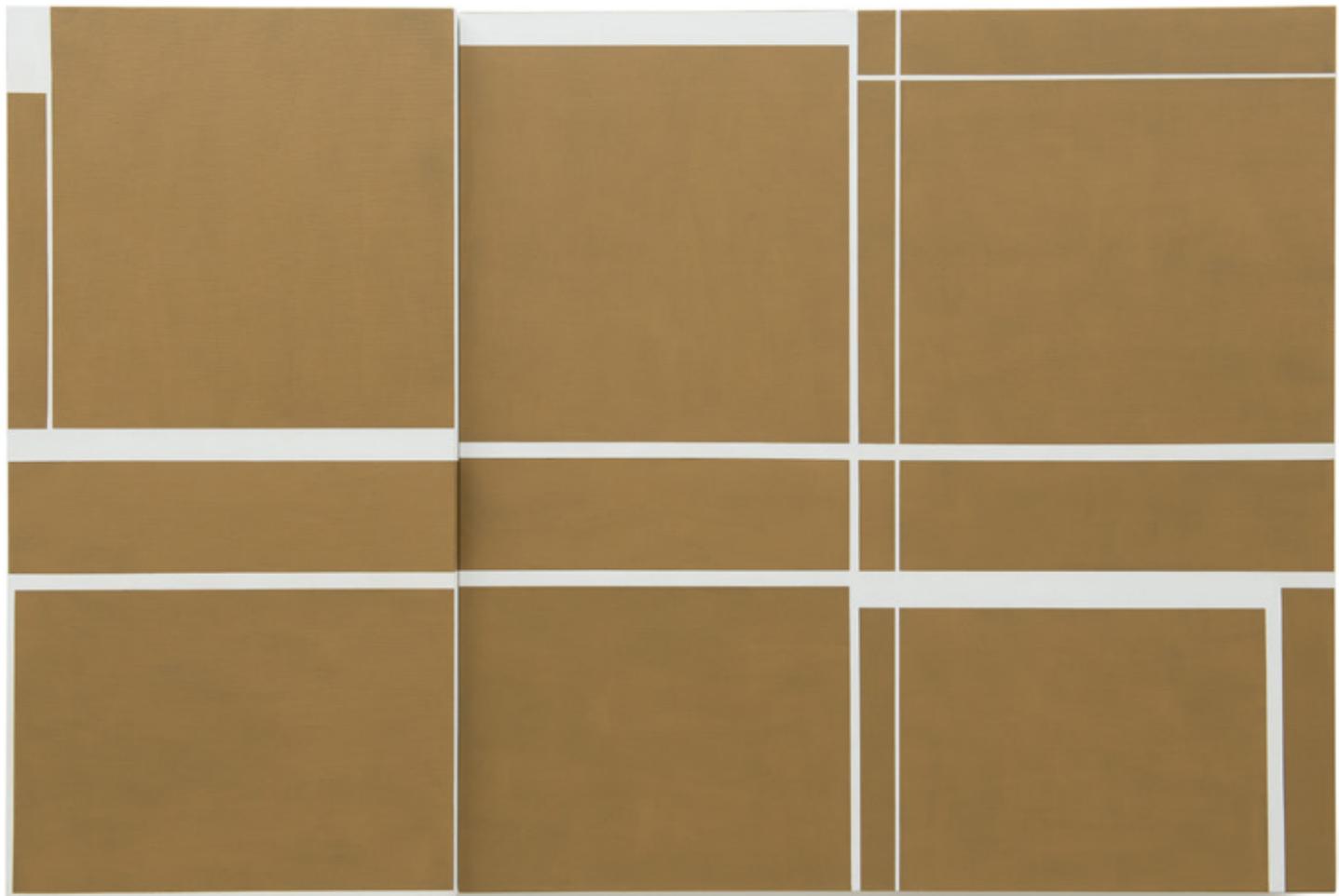




Sem Título, 2020
óleo sobre tela
50 x 200 x 18 cm
oil on canvas
19 1¹/₁₆ x 78 3³/₄ x 7 in

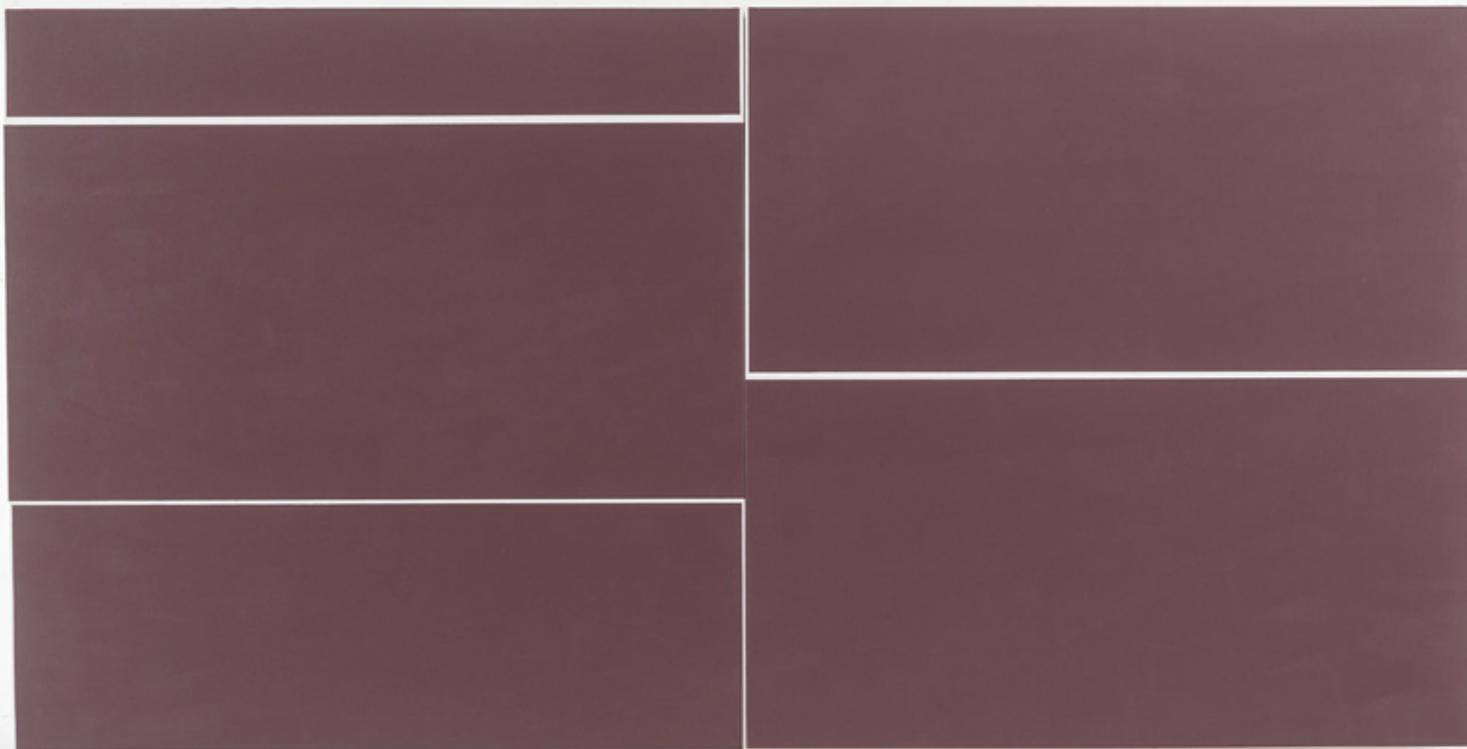




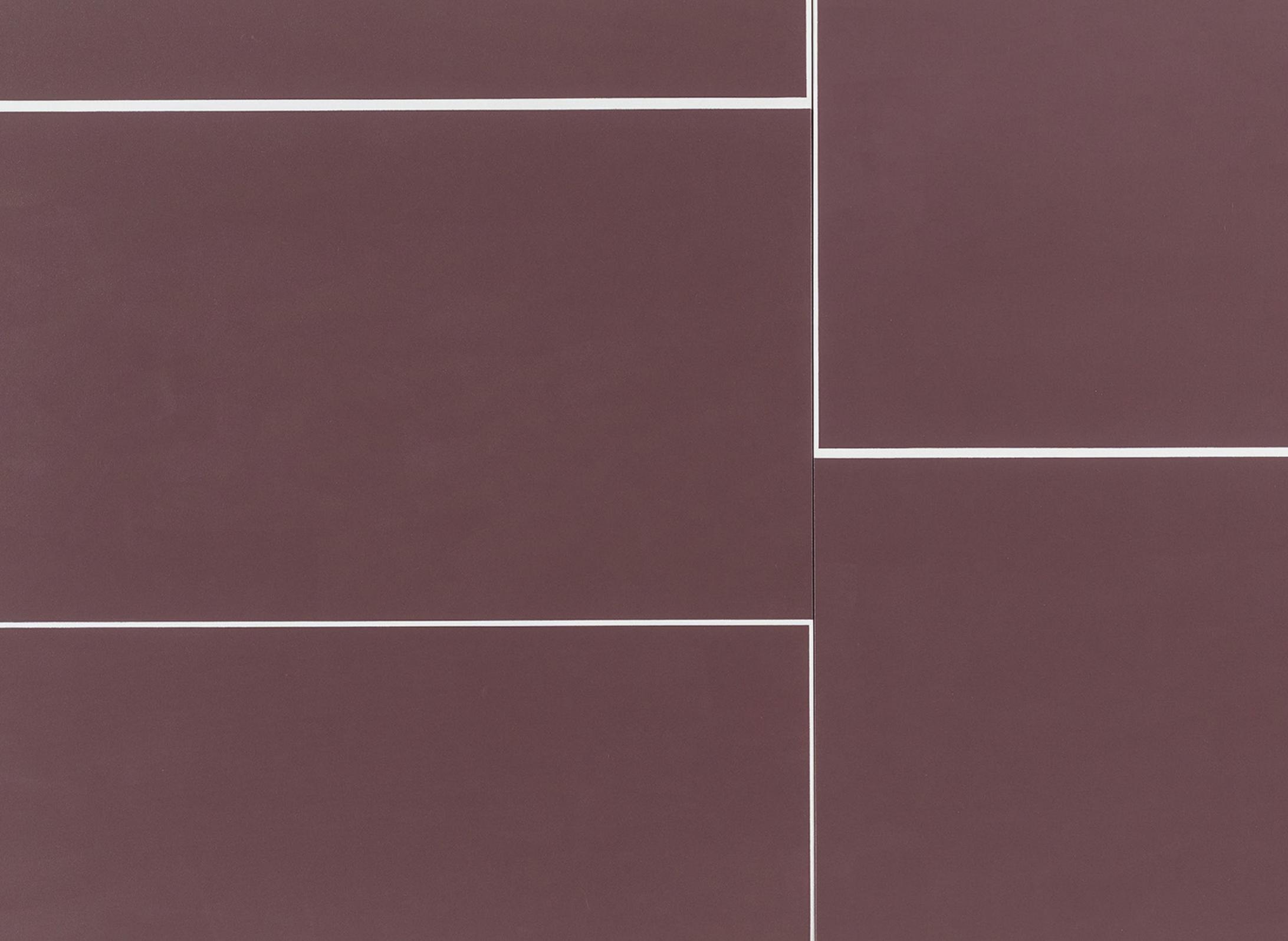


Sem Título, 2020
óleo sobre tela
100 x 150 x 14 cm
oil on canvas
39 ³/₈ x 78 ⁴⁷/₆₄ x 4 ²³/₃₂ in





Sem Título, 2021
óleo sobre tela
100 x 200 x 10 cm
oil on canvas
39 ³/₈ x 78 ³/₄ x 4 in



Sem Título, da série Enlace, 2021
linho sobre linho costurado
80 x 40 x 4 cm
linen on sewn linen
31 ½ x 15 ¾ x 1 ½ in





Sem Título, da série Enlace, 2021

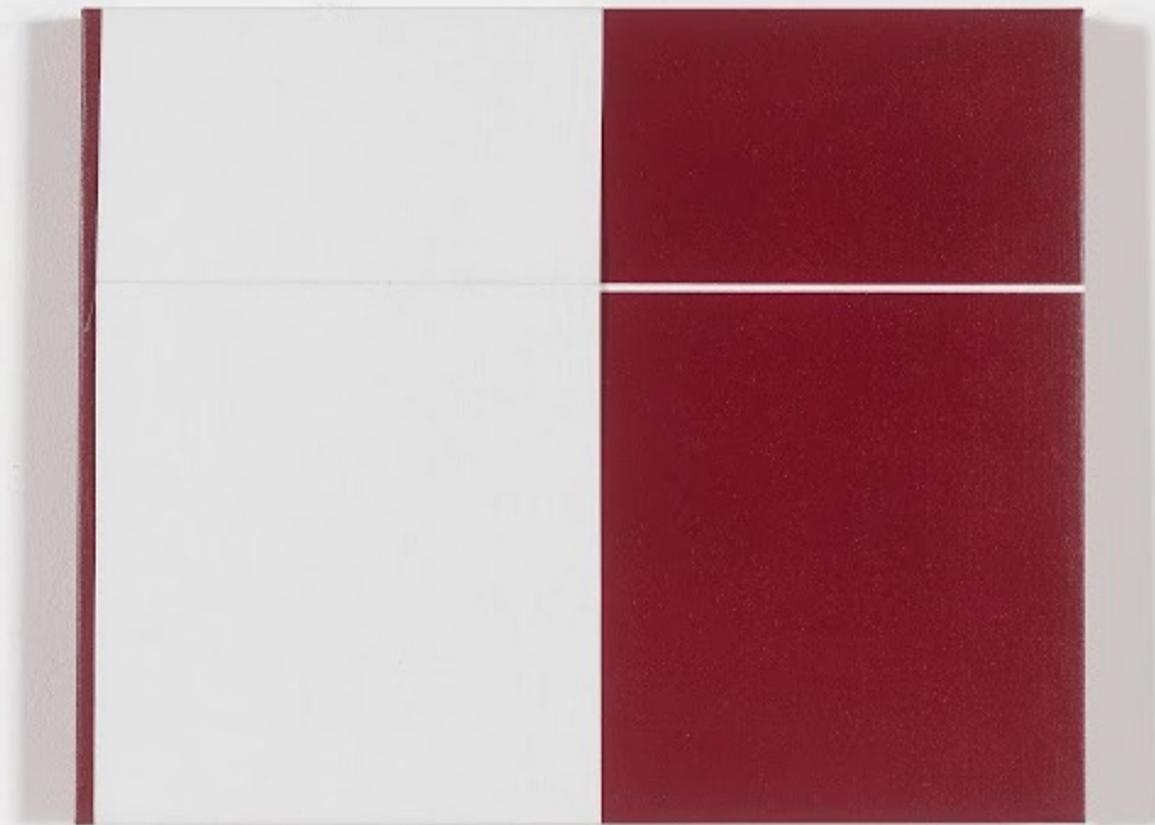
linho costurado

40 x 50 x 4 cm

sewn linen

15 ¾ x 11 ⅝ x 2 in





Sem Título, 2020
linho costurado sobre óleo
40 x 50 x 4 cm
sewn linen on oil
15 ¾ x 19 ⅔ x 2 in



Elizabeth Jobim

A trajetória de Elizabeth Jobim dentro do campo das artes visuais possui cerca de quatro décadas; sua primeira participação em uma exposição foi em 1982, no Rio de Janeiro. Quando observamos trabalhos de diferentes momentos de sua pesquisa, dois elementos parecem constantes: a pintura e suas relações com o corpo humano.

No que diz respeito à forma como seus trabalhos costumam ser lidos pelo viés da abstração, prefiro pensar nesta associação mais pelo piscar de olhos do que pela relação monogâmica; prestando atenção em seu percurso, é notável que parte de sua pesquisa se inicia com a imitação do real e se transforma em composições que podem ser interpretadas de forma mais aberta pelo público. Seus trabalhos por vezes se encontram em diálogo com imagens muito precisas – lembro, por exemplo, dos desenhos e pinturas que dialogam com a escultura de Giambologna representando o Rapto das Sabinas ou, ainda melhor, as imagens em que responde ao grupo escultórico do Laocoonte. Todos esses trabalhos são da década de 1980 e trazem, cada um a seu modo, algo que me parece estar presente com diferentes graus de sutileza no olhar da artista: um interesse pela fisicalidade e pelo movimento do corpo humano com seus contornos anticlássicos cheios de veias, rugas e torções.

Como notou Paulo Sergio Duarte em ensaio sobre seu trabalho¹, se nas pinturas anteriores a essas séries notamos seu interesse pela gestualidade e pela cor da chamada "Geração 80"², quando analisamos trabalhos de décadas posteriores novamente percebemos sua atenta observação do mundo – tubos de tinta e pedras portuguesas foram pontos de partida para experimentar diferentes escalas, cores e texturas. Quando esse dado explicitamente figurativo sai de cena, a artista destaca o apelo sensorial de suas composições – desencontros entre diferentes tamanhos de tela, respostas diretas à arquitetura das salas onde expôs, jogos entre diferentes profundidades dentro do mesmo objeto-pintura e até mesmo ocupações espaciais que se dão pelo acúmulo de pequenas pinturas. Nos últimos anos, Elizabeth chega a tirar a pintura das paredes e trazê-la para o centro, tanto em formatos semelhantes a caixas/totens, quanto também em conversas com aquelas pedras que tanto observou.

Quando vejo os trabalhos reunidos nesta exposição individual da artista, penso que, em verdade, ela dá continuidade a essa experimentação dada pela equação entre pintura e corpo. Aqui, as pinturas a óleo seguem presentes, mas em menor número. Nelas somos convidados a perceber não apenas as frestas entre cores, mas também os momentos em que se opta por um corte na estrutura da tela que faz com que a mesma composição seja dividida por mais de um módulo. Convidando-nos a ficarmos atentos aos detalhes, a artista sugere a diferença entre o branco que separa as cores pintados por suas mãos e aquela linha que também se insere na imagem, mas que se dá a partir de um corte na matéria.

Pela primeira vez, Elizabeth traz ao olhar do público uma grande série de trabalhos feitos diretamente com tecido; o material já vinha sendo experimentado em alguns objetos recentes, mas aqui os vemos em escala grande. O linho é o material escolhido e as cores, assim como em suas pinturas, tendem a um tom mais terroso e sóbrio. Essas cores compõem listras e formas poligonais que apelam aos sentidos do espectador – não apenas devido aos seus contrastes inteligentes, mas pela sua materialidade. Estamos diante de pinturas que se apresentam ligeiramente moles aos nossos corpos e, como qualquer tecido, imediatamente parecem nos convidar ao toque.

Há uma presença nessa série que conversa pelo viés da diferença com o uso habitual que a artista faz do rolo em suas pinturas: os pontos de costura. Ao observar os detalhes dessas superfícies, notamos discretas junções que possibilitam tanto que diferentes cores façam parte de uma mesma listra, quanto também que, em outros momentos, o linho abraça a madeira ou o óleo sobre tela. Essa talvez seja uma forma interessante de observar esses trabalhos: abraços longos entre cores que envolvem objetos através do tecido. Isto nos leva a outro dado importante que condiz com a natureza do material: como em qualquer tecido, por mais que haja um esforço por esticá-lo e simular a sua planaridade, sempre podemos notar sua urdidura e pequenas rugas em sua superfície. Eis uma matéria que convida a outra gestão da noção de controle; é importante respeitar a elasticidade e a temporalidade do linho, esse tecido feito milenarmente a partir da planta de mesmo nome.

"Entre tempos" contrasta com a fugacidade das terríveis notícias que invadem nossos corpos incessantemente e nos convida a uma velocidade mais lenta na fruição dessa reunião de trabalhos. Em um presente tão tomado por tragédias, essa exposição de Elizabeth Jobim – assim como grande parte de sua pesquisa – é um aceno às sutilezas que perduram no mundo.

Fica o desejo para que, muito em breve, possamos estar reconectados com aquela desaceleração necessária não apenas para dobrar e enlaçar tecidos, mas também para observar os contornos de Laocoonte e as superfícies ao nosso redor.

Notas

¹ DUARTE, Paulo Sérgio. "Pintura plena" in Elizabeth Jobim. São Paulo: Cosac Naify, 2015, págs. 9-51.

² Importante lembrar que a artista participou da célebre exposição "Como vai você, Geração 80?", em 1984, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, e com curadoria de Marcus Lontra, Paulo Roberto Leal e Sandra Magger.

Elizabeth Jobim

Elizabeth Jobim's trajectory in the visual arts spans around four decades; the first exhibition she participated in was held in 1982, in Rio de Janeiro. When we observe works from different moments in her research, two elements seem consistent: painting and its relation with the human body.

Concerning the way her works are usually perceived through an abstraction perspective, I'd rather conceive this association more through the blink of an eye than a monogamic relationship; analyzing her career, it is remarkable that part of her research began with imitating reality, transforming into compositions that may be interpreted by the audience in a more open manner. Her works, at times, are in dialogue with very precise images – I recall, for example, the drawings and paintings that relate to Giambologna's sculpture that represents The Rape of the Sabine Women or, even better, the images that respond to the Laocoön and His Sons piece. All of these works date back to the 1980s, bringing, each in its own way, something that seems to be present in different degrees of subtlety in the artists gaze: an interest in physicality, in the human body's movement, with its anti-classic outlines, filled with veins, wrinkles and twists.

As Paulo Sergio Duarte noted in an essay about her work¹, if in her previous paintings we notice her interest in gestures and colors typical of the so-called "80s Generation"², when we analyze the pieces of the following decades, we again realize her sensitive observation of the world – paint tubes and Portuguese stones were starting points in experimenting with different scales, colors and textures. When this explicitly figurative element is removed, the artist emphasizes the sensorial appeal of her compositions – divergences between the size of the canvases, direct responses to the architecture of the exhibition spaces she occupies, playing with distinct depths within the same painting-objects and even in spatial occupations that happen through the accumulation of small paintings. In the last few years, Elizabeth has even removed the paintings from the walls, moving them to the center, in formats that compare to boxes/totems, as well as to the stones she observed for so long.

Seeing the works presented in this solo show, I think that, in truth, she is continuing that experimentation given by the equation between painting and body. Here, the oil paintings are still present, but in smaller number. They invite us to observe not only the gaps between colors, but also the moments in which she chooses to cut the canvas' structure, dividing the composition in more than one module. Inviting us to remain mindful of details, the artist suggests the difference between the white that separates the colors painted by her hands and the line that is also inserted in the image, but which arises from cutting the material.

For the first time, Elizabeth brings to the public a large series of works created directly with fabric; the material was already the focus of experiments in recent objects, but here we see in a larger scale. Linen is the chosen material, and the colors, as also seen in her paintings, tend to earthier and more somber hues. These colors produce stripes and polygonal shapes that appeal to spectators' senses – not only due to their intelligent contrasts, but to their materiality. We are in the face of paintings that are slightly soft before our bodies and, like any other fabric, immediately seem to invite our touch.

There is a presence in this series that connects through difference with the habitual use that the artist makes of the roll in her paintings: the sewing stitches. Observing these superficial details, we notice discrete junctions that allow for different colors to be part of the same stripe, as well as, in other moments, for the linen to embrace the wood or the oil on canvas. This may be an interesting way to observe these works: long embraces between colors that involve objects behind the fabrics. This leads us to another important element that befits the nature of the material: just like any other fabric, as much as there's an effort to stretch them and simulate planarity, we can always detect their warp and the small wrinkles on their surfaces. This substance demands another operation of the notion of control; it is important to respect the elasticity and temporality of the linen, an anciently produced fabric from a plant of the same name.

"Entre tempos" (Between times) contrasts with the fugacity of the terrible news that incessantly invade our bodies, inviting us to a slower speed in the fruition of these works. In a present so overrun with tragedies, this Elizabeth Jobim exhibition is – as is a large part of her research – a nod to the subtleties that persist in the world.

What remains is the desire that we may, ver soon, be reconnected with the much-needed deceleration to fold and bind fabrics, but also to observe the outlines of Laocoön and the surfaces around us.

Notes

¹ DUARTE, Paulo Sérgio. "Pintura plena" in Elizabeth Jobim. São Paulo: Cosac Naify, 2015, pages 9-51.

² It is important to remember that the artist participated in the famous exhibition "Como vai você, Geração 80?" (How are you, Generation 80s?), in 1984, at the Escola de Artes Visuais do Parque Lage, in Rio de Janeiro, curated by Marcus Lontra, Paulo Roberto Leal and Sandra Magger.



Elizabeth Jobim

(Rio de Janeiro, RJ, 1957)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Pintora, desenhista e gravadora. Graduada em Comunicação Visual na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, onde fez sua pós-graduação em História da Arte e Arquitetura. Sua produção artística tem início nos anos 1980, década em que realiza estudos de desenho e pintura com Anna Bella Geiger, Aluísio Carvão e Eduardo Sued, no Museu de Arte Moderna (MAM-Rio). Em 1984, participa da histórica exposição "Como vai você, Geração 80?", no Parque Lage, Rio de Janeiro. Nesta fase, realiza desenhos de observação utilizando como modelo réplicas de esculturas helênicas e maneiristas cuja composição era marcada pela gestualidade e movimento do corpo. Estes trabalhos tem traços irregulares e linhas de espessura pouco comum, grafismos que geram a sensação de volume e movimento.

A partir da virada para a década seguinte, passa recolher pedras irregulares, dispondo-as sobre a mesa do ateliê e realizando estudos de observação em desenho ou pintura sobre papel, explorando as possibilidades expandidas do gênero da natureza-morta. Em 1992, conclui mestrado na School of Visual Arts, em Nova York e, em 1994, leciona desenho e pintura na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage.

Nos anos 2000, sua produção ganha dimensões mais monumentais e mais abstratas, uma vez que a artista lança mão de formas reducionistas usando linhas e cores – empregando, especialmente, azuis e vermelhos terrosos. Os contornos vão se aplainando e ortogonalizando, configurando planos mais arquitetônicos, onde a cor passa a exercer o papel fundamental. A partir de 2010, seus trabalhos passam a jogar com noções de profundidade – não com a perspectiva na superfície pictórica, mas com diferentes volumes nas próprias estruturas das telas, que se estruturam em chassis mais espessos, formando dípticos e polípticos que se jogam em direção ao espaço. Suas pinturas incorporaram os ambientes onde são exibidas, aderindo às quinas e dobras das salas, até que se descolam totalmente das paredes, tornando-se corpos geométricos independentes e autoportantes que se espalham pelo espaço. Esta série é apresentada na mostra, "Blocos", no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 2013. Desse momento em diante, suas obras configuram-se como articulações de volume, cor, geometria, plano, arquitetura e peso, vocabulário solidamente construído no desenvolvimento de seu trabalho. Recentemente, explora a sobreposição de tecidos sobre as telas – que continuam ganhando diferentes espessuras e desenhos – para criar outros planos construtivos dentro da superfície pictórica; utilizando linhos coloridos, incorporando a tintura têxtil original sem manipulação dos matizes.

Principais exposições individuais:

Entre Tempos, Simões de Assis, Curitiba, 2021
Variações, Paço Imperial, 2019
Frestas, Lurixs, Rio de Janeiro, 2019
Ensaio, Galeria Raquel Arnaud, São Paulo, 2018
Jazida, Museu do Açude, Rio de Janeiro, 2018
In This Place, Henrique Faria Fine Art, Nova Iorque, 2017
Blocos, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 2013
Em Azul, Estação Pinacoteca, São Paulo, 2010
Endless Lines, Lehman College Art Gallery, Nova Iorque, 2008
Aberturas, Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2006

Principais exposições coletivas:

A Escolha do Artista na Coleção Roberto Marinho, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, 2021.
Mulheres na Coleção do Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, 2018.
(de)(re)construct, Bronx Museum of the Arts, Nova Iorque, 2015.
Art in Brasil 1950-2011 - Europolia 2011, Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, 2011.
5a Bienal do Mercosul, Porto Alegre, 2005.
Caminhos do Contemporâneo – 1952/2002, Paço Imperial do Rio de Janeiro, 2002.
Arte Contemporânea Brasileira, Galeria Nacional de Belas Artes, Pequim, China, 2001.
Panorama da Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna, São Paulo, 1990.
Rio hoje, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1989.
Como vai você Geração 80?, Parque Lage, Rio de Janeiro, 1984.
Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1982/1983.

Principais coleções públicas:

MAM - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo
MAR - Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro
Pinacoteca do Estado de São Paulo
Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP
Bronx Museum of the Arts, Nova York

[visite a página da artista](#)

Elizabeth Jobim

(Rio de Janeiro, RJ, 1957)

Lives and Works in Rio de Janeiro.

She works in painting, drawing and printmaking. She studied Visual Communication at the PUC-RJ, where she also specialized in Art History and Architecture. Her artistic production began in the 1980s, when she studied drawing and painting with Anna Bella Geiger, Aluísio Carvão and Eduardo Sued, at the Museu de Arte Moderna in Rio de Janeiro (MAM / RJ). In 1984, she participated in the historical exhibition "Como vai você, Geração 80?" (How are you, Generation 80s?), at Parque Lage, in Rio de Janeiro. During this period, she works on observation drawings using replicas from Hellenic and Mannerist sculptures as models – pieces marked by a gestural aspect and the impression of movement. These works are irregularly traced with unusually thick lines, which cause a sensation of depth and motion.

In the following decade, she collected irregular stones on the streets, laying them on the studio table and conducting observation studies in drawing or painting on paper, exploring the expanded possibilities of the still-life genre. In 1992, she completed a master's degree from the School of Visual Arts in New York and, in 1994, she started teaching drawing and painting at the Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV-Parque Lage), in Rio de Janeiro.

In the 2000s, her work gained more monumental and abstract dimensions, for the artist started using reductionist forms with lines and colors – employing, especially, blues and earthy reds. The contours become increasingly flatter and orthogonalized, configuring architectural planes, with color playing a fundamental role. From 2010 onwards, her works began to play with notions of depth – not with perspective on the pictorial surface, but with different volumes in the canvases' structures, which are configured in thicker chassis, forming diptychs and polyptychs that are projected towards the space. Her paintings incorporate the environments where they are exhibited, adhering to the corners and folds of the rooms, until they detach completely from the walls, becoming independent and self-porting geometric bodies that spread throughout the space. This series is presented in the exhibition "Blocos" (Blocks), at the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro, in 2013. From this moment onwards, her works are configured as articulations of volume, color, geometry, plane, architecture and weight, a vocabulary that is solidly built in the development of her career. Recently, she is exploring overlapping fabrics on the canvases – which continue to gain different thicknesses and designs – to create other pictorial planes within the pictorial surface; using colored linens, she incorporates the original textile dye without further manipulating the hues.

Selected Solo Shows:

Entre Tempos, (Between Times) Simões de Assis, Curitiba, 2021.
Variações (Variations), Paço Imperial, 2019.
Frestas (Interstice), Lurixs, Rio de Janeiro, 2019.
Ensaios (Essays), Galeria Raquel Arnaud, São Paulo, 2018 .
Jazida (Quarry), Museu do Açude, Rio de Janeiro, 2018.
In This Place, Henrique Faria Fine Art, Nova Iorque, 2017.
Blocos (Blocks) Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 2013.
Em Azul (In Blue), Estação Pinacoteca, São Paulo, 2010.
Endless Lines, Lehman College Art Gallery, Nova Iorque, 2008.
Aberturas (Openings) Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2006.

Selected Group Shows:

A Escolha do Artista na Coleção Roberto Marinho, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, 2021.
Mulheres na Coleção do Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, 2018.
(de)(re)construct, Bronx Museum of the Arts, Nova Iorque, 2015.
Art in Brasil 1950-2011 - Europolia 2011, Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, 2011.
5a Bienal do Mercosul, Porto Alegre, 2005.
Caminhos do Contemporâneo – 1952/2002, Paço Imperial do Rio de Janeiro, 2002.
Arte Contemporânea Brasileira, Galeria Nacional de Belas Artes, Pequim, China, 2001.
Panorama da Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna, São Paulo, 1990.
Rio hoje, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1989.
Como vai você Geração 80?, Parque Lage, Rio de Janeiro, 1984.
Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1982/1983.

Public Collections:

MAM - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo
MAR - Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro
Pinacoteca do Estado de São Paulo
Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP
Bronx Museum of the Arts, Nova York

[visit the artist page](#)

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315